

Minha família começava assim:

Pietro Mariot - casado com Tereza De Bona Porton. Este é o meu tataravô. Morava em Pirago - Longarone, província de Belluno - Itália.

Era professor de Faculdade e estava muito bem de vida sendo proprietário até de um palácio (fotografias deste palácio encontram-se nas mãos de seus descendentes incluindo Amabile Mariot Damiani e Anna Mariot Vieira).

Havia uma mulher de nome Margherita, era riquíssima possuía muitos bens e fazia altos negócios, ^{esta} era amiga do meu tataravô.

Acontece que nestes grandes negócios a "Grande Senhora" (assim era conhecida por todos) se deu mal e pediu ao meu tataravô, Pietro Mariot, que financiasse elevada quantia de dinheiro que depois pagaria com juros elevados. Mas acabou perdendo tudo e deixou meu tataravô na miseria.

Seu cabelo enlameou todo de um dia para outro e seis meses depois morreu.

Caso não tivesse tido este desastre na vida do meu tataravô seus descendentes não teriam vindo ao Brasil e sofrido tanto.

Sus descendentes são:

1º Matteo Ignacio Mariot (meu bisavô)

2º Ignacio Angelo Mariot

3º Margherita Mariot

Um pouco da história dos filhos de Pietro Mariot e Tereza De Boni Porton a começar pelo 2º filho já que o 1º é meu bisavô onde darei sequência à história.

2º Ignacio Angelo Mariot - nasceu em 24-09-1829 e casou com Maria Bratti, filha de Paulo e Anna Bratti e tiveram três filhos: Michèle Primo, 2º Pietro, 3º Veneranda - nascida em 8-05-1868. Não se tem conhecimento deste ramo ter emigrado para o Brasil.

3º Margherita Mariot - nasceu em 8-03-1827 e casou com Domenico Damiani, que é do ramo do Hédi Damiani. Também não se conhece se emigraram para o Brasil.

1º Matteo Ignacio Mariot (meu bisavô)

Nasceu em 30-4-1818 e casou com Anna Fontanella nascida em 11-5-1826 filha de Agostinho Fontanella e Maria Polla.

Foi o único ramo que veio ao Brasil.

Na primeira leva veio somente Matteo com sessenta anos de idade com o filho Marco de desesete anos de idade e solteiro. Sairam de onde moravam: Pirago - Província de Belluno, Itália em 1879.

Junto deles veio a família Longo eles eram muitos amigos e compadres mas nunca foram parentes embora deixassem de usar o nome Longo por Mariot.

Isto foi da seguinte forma: Conforme a lista, o capitão do navio, chamava as famílias

que eram representados pelo seu chefe.

Foi assim que Mattos disse ser todos os que estavam com ele e isto incluia os Longo.

Dali em diante eles adotaram o nome Mariot.

O nome deles conforme o livro "Imigrantes" do Padre Quinto Davide Baldezzar que foi encontrado no verso da lista de passageiros, diz ser Mattos de 25 anos, Madalena de 22 anos e Giovanni de 2 anos, não se enquadra com as lembranças dos filhos dos imigrantes que os conheciam e eu também os conheci.

Nas nossas lembranças trata-se de Marco casado com Madalena e tinham um filho de nome Giovanni, que são os Longo.

Eu pesquisei bastante e só foi encontrado o nome Mattos na família do meu bisavô. Dizem os mais velhos que nunca teve este nome na família Longo - Mariot.

Outros membros desta família vieram ao Brasil e suas terras no Rio Salto, eram vizinhas das terras dos meus tíos avós.

Uma irmã de Marco Longo, amiga do meu avô, casou aqui no Brasil, com Marco Mariot, que é o que veio da Itália na companhia do pai ^{Mattos} e tinha desseste avos.

No dia veio o resto da família de Mattos: A minha bisavô Anna, o meu avô com a mulher, Lucia (Lucieta) e a filhinha Maria (Marieta) e mais ainda o resto dos filhos, menos Giesué.

menos Giesué porque estava servindo o exército.

Meu bisavô Matteo e o filho Marco, chegando ao Brasil só encontraram picadas no meio do mato. Não havia nem um rancho para se abrigar da chuva e passar a noite.

Passaram as primeiras noites embalados de uma pedra que formava uma pequena entrada. Estava localizada no Rio Salto e cada vez que eu passava por ali com o meu pai ele dizia: Quando o menino veio da Itália, dormiu no chão embalado desta pedra, antes de fazer o rancho.

Os filhos de Matteo Mario e Anna Fontanella

Os imigrantes:

1º Pietro Mario	nascu -	11-01-1848	(meu avô)
2º Cesare	"	09-03-1850	(morrer-Budapest)
3º Giovanni	"	04-08-1854	(morrer envenenado)
4º Giesué	"	17-01-1857	(veio no barão do marco)
5º Brigida	"	6-01-1859	(esta não veio ao Brasil) não há dados
6º Marcos	"	03-03-1861	(veio com 17 anos na 1ª feira)
7º Tereza Brigida	"	22-08-1863	(casou c/ Pietro Baldessar)
8º Valentína	"	18-10-1865	(casou 1º Tramontin-2º Lenzi)
9º Margherita	"	04-01-1868	(casou c/ Luiz Baldessar)

Agora um pouco da história de cada um deixando Pietro por último por ser meu avô, onde darei sequência à história.

Cesare Mario — Morreu solteiro na Itália na construção da estrada Transiberiana

em Budapest. Estava trabalhando quando caiu uma barreira e caiu e uma pedra passou por cima causando-lhe a morte.

Giovanni Mariet - casou com Maria Bolombi e teve quatro filhos. Moravam todos no terreno que venderam os Caruso onde este colocou sua indústria de vinho e derivados.

A morte dele foi assim: Andava a cavalo entre picadas no mato com outros companheiros, sendo que ele era o último da turma, quando por um motivo qualquer o cavalo se assustou e fez um gesto brusco. Como havia uma árvore caída não dem tempo para se abaixar e passar por baixo, ficou assim preso com os cabelos entre os ramos. A árvore rolou e caiu encima dele quebrando-lhe a coluna.

Foi levado para Laguna, de carro de boi, onde havia médico e hospital, porém nada puderam fazer. Sofreu muito durante muito tempo. Naquele tempo não tinham nem um comprimido para suavisar a dor, então o médico achou melhor acabar através de envenenamento, sendo o autor inocente uma criança de nome "Nini" Spricigo.

Giovanni, que não saia da cama desde o acidente, ao tomar o veneno deu um pulo saltou da cama e disse: "Tu me envenenaste!" Ele foi enterrado em Brussangá e mais tarde sua mulher também.

O nome dos quatro filhos. (Todos Brasileiros)

1º filho - Matteo morreu criança.

2º " - Batista (Tita) casou com Carlota Silvestrini (apelido - Marussel)

Sus descendentes moram no Rio Pará.

3º filho do imigrante Giovanni - Umberto, foi morar no Doze (acima de Orleans), mas tarde foi com a família para o Paraná.

4º filho - Giovanna Mariot que trás o nome do pai porque nasceu depois de sua morte. Casou com um Cambruci e também foi morar no Paraná.

História do 4º filho de Matteo.

Giesné - este emigrante veio sozinho e por último, isto é na 3ª leva, porque estava servindo o exército, na fronteira, sendo que a Itália se encontrava em guerra naquela ocasião.

Quando Giesné recebeu o recado dos familiares que diziam terem partido todos para o Brasil, deixou o exército e procurou um navio que viesse para a América.

Foi assim que embarcou clandestino e se escondeu no porão de um navio sendo descoberto em alto mar dias depois.

Desembarcou em ^{Laguna} Imbituba e para dar tempo afim de procurar os pais e irmãos, dirigiu-se para Laguna e foi trabalhar na ponte das laranjeiras em Cabeceira para a construção da estrada de ferro Dona Tereza Cristina. Foi ali que perdeu a mão direita em explosão de pedra.

Casou duas vezes: A primeira com Tereza Rosso

de choro Alleino - Criciuma - e morreu ao dar a luz a primeira filha - Libera.

O segundo casamento foi com Giovanna Cordele, que também morreu nova e deitou dez filhos.

A minha bisavó Anna Fontanella, sentia saudades do filho Giesué que pensava estar ainda na Itália.

Certa manhã disse ter sonhado com o filho que o vir chegar e subir o morro e ir ao encontro dela, disse ainda que ele trazia o chapéu na cabeça.

No mesmo tarde ela estava sentada na frente da casa onde morava (atualmente pertence aos filhos de Mansuetto Mariot), quando vir um homem com chapéu na cabeça subir o morrinho da casa.

Então ela disse para os que estavam ali:

Dem subindo um homem com chapéu na cabeça, e me par que al se soméia Giesué (me parece que se assemelha ao Giesué. Era ele mesmo).

Giesué teve 12 filhos que são:

1º Anita - nasceu em laguna; pouco tempo depois Giesué foi para Arussanga. Mais tarde soube que a mãe de Anita havia falecido.

Cahe aqui uma menção honrosa a Giesué por ter ido buscar a filha de 12 anos para morar com eles e à sua esposa Giovanna Cordele, que a recebeu de braços abertos.

Anita que morreu solteira com 97 anos, criou a sobrinha Elsa filha do seu irmão Luiz que ficou nem a mãe com 40 dias.

VIII

Anita era filha de mãe de cor preta.

2^a Libera - filha do primeiro casamento de Giesue. Casou com Arcangelo Buttini e moravam no alto do Rio Salto, seus descendentes ainda permanecem ali e redondezas de Ibiranga. Ficou orfã ao nacer.

3^a Teresa - casou com Denmark. Moravam em baixo da serra do Doze num lugar de nome Novo Horizonte no município de Lauro Müller. Esta e os outros são filhos do 1^o casamento.

4^a Marieta - faleceu de meia idade e solteira.

5^a Luiz - como o pai, ficou viúvo cedo e também casou duas vezes: 1^o com Rosa Denmark, 2^o casamento com Maria Magno. Depois do 2^o casamento saiu de onde morava em novo Horizonte e foi para Curitiba. Teve muitos filhos que estão em Curitiba: Elza, Marian Damion, criada pela Tia Anita, e reside em Florianópolis.

6^a Mansuetos - faleceu com 85 anos. Fazem dez anos incompletos que faleceu. Casou com Ema Costa e ficou morando na casa paterna. Seus filhos: em Ibiranga, Joenil e Paranaí.

7^a Pedro - com 91 anos ainda vive e casou com Desolino de Brida. Também morava em Novo Horizonte - Lauro Müller e mudou-se para o estado do Paraná no município de Dois Riachos perto de Pato Branco.

Seus filhos estão no Paraná e São Lourenço no estado de Santa Catarina.

8^a Rosa - ainda vive e tem 89 anos e

IX

viva de Davide Cittadini, mora no alto do Rio Salto. Seus filhos residem na redondeza.

9º Valentina - casou com Benvenuto Bezatti. Faleceu nova, vítima de um acidente provocado por uma aranha (carrocinha com cavalo), o animal se assustou e a mesma viu. Valentina estava voltando da missa do dia primeiro do ano. Dias depois do acidente teve tetano. Morreu deixando 4 filhos pequenos.

Ela é estabelecida no Rio Salto e Oriúma.

10º Josefina - ainda vive e tem 85 anos, nunca se interessou em casar e sempre foi filha de Maria. Atualmente quando a saúde lhe permite ainda frequenta a igreja. Nas festas da noiva Senhora vai vestida de branco com a fita da medalha azul. Morava nesta cidade em companhia da sobrinha Leila Mariot Bertolini.

11º Antonia - casada com Quirino Passamai tem 83 anos. Ela e seus descendentes vivem nas redondezas desta cidade.

Esta mulher é uma heroína que serve de exemplo para todos nós, principalmente quando nos quejamos da vida.

Anos atrás teve de amputar as duas pernas devido a um problema de diabetes.

Foi a luta, não se meteu nos cantos a chorar. Trabalha contente e feliz dentro e fora de casa. Empurra a sua cadeira de rodas e vai na estufa escolher puros.

Tudo isto sem necessidade porque a sua situação financeira, deixada pelo esposo av-

X

falecer, é muito boa.

12 Martim - faleceu aos quatro anos de idade vítima de sarampo.

Foram estes os 12 filhos do imigrante Giesé.

Agora o 5º filho do bisavô Mattos.

5º Brigida - conforme registro erron-
trado nasceu em 6-1-1859. Não veio ao Brasil.
Não há histórico nenhum sobre esta filha,
talvez tenha morrido em criança pequena.

6º Marco - Este é o que veio junto
do pai para o Brasil na 1ª leva.

Casou com Antonia Mariet (Longo) e era
chamada por Jeniria. Tiveram cinco filhos
homens e seis mulheres.

Uma morreu queimada quando era pe-
quena, porque não havia fogão e o fogo
era feito no chão e as panelas pendura-
das por uma corrente.

Os que se criaram foram:

1º Adelia - casou com Fontana.

2º Battos - casou com uma - Fontanella.

3º José - casou com uma - Trevisol

4º Lucia - 5º Angels - 6º Luiz - este que-
brou a coluna quando abria um poço e
morreu vinte dias depois.

7º Marieta - casou com Santo Cittadini e
morava no Rio América.

8º João - 9º Ida - 10º Annabile - 11º Henriqueta.
Estes eram os filhos do imigrante Marco
que se estabeleceram ^{lado} dos terrenos do irmão
Giesé no Rio Salto.

Mais tarde vieram e foi morar em Belo Horizonte, município de Lauro Mailler, ou como diziam antigamente: no "Deserto" por ficar embaixo da serra do mesmo nome, hoje conhecida por serra do Rio do Pastro.

Seus filhos ainda estão por ali.

Marco morreu aos setenta anos e a causa foi o deslocamento de uma serra que meses depois veio a falecer.

7º Teresa Brigida - também filha de Battista Mariot. Casou com Pietro Baldessar e moravam no Rio Deserto. Tiveram 10 filhos:

1º Marieta - (quasi cega) morreu solteira e de ataque cardíaco.

2º Josefina Baldessar - casou com Nicola Coral. Morava em São Bento Baixo, município de Flores. Morreu entre 65 a 70 anos - ataque cardíaco

3º Ana - casada com Batista Malgaresi.

Também morava em São Bento Baixo e morreu de ataque cardíaco com 70 anos.

4º Giacomo (Giacomini) faleceu com 18 anos afogado em Bom Retiro (estrada que vai para Florianópolis) por ter tornado banho após o almoço.

5º João Baldessar - casado com Itália Scarp (apelido), morava em Ibirici. Morreu idoso. Seus filhos e netos ainda moram ali.

6º José Baldessar - mais conhecido por Besí, é o 6º filho de Teresa Brigida Mariot Baldessar e casou com Angelina Benedet.

Este é o pai de Mário Baldessar que mora no Rio Salto Baixo.

Bepi - morava na casa paterna e seus filhos
continuam nas mesmas propriedades e
vizinhanças.

Morreu com 64 anos de ataque cardíaco.

7º Amabile - casou com Josepina Peral. Morava
em Nova Venécia e depois em Içara.

Morreu há poucos meses com mais de
noventa anos.

8º Luiz Baldessar - casado com Olimpia.
Se estabeleceu em União da Vitória no
estado do Paraná.

9º Giacomina - casou com Pedro Benedet.
Morava em Orleans e morreu com mais de
70 anos.

Em março de 1974 foi a época da grande
enchente, fenômeno nunca visto em Santa
Catarina principalmente nos municípios
do sul. Giacomina, nesta ocasião recebeu
a visita de um filho, nora e neto que mora-
vam no município de Estrela no Rio Grande
do Sul. Alegres e felizes junto da mãe
e outros familiares, resolveram ir até o
sítio de suas propriedades de carro de boi.

Em certo lugar, no caminho pararam em
cima de uma ponte para bater fotografias
e não notaram a grande quantidade de
água que vinha de uma represa estourada
na serra e acabou levando a ponte com
carro de boi e os que estavam ali.

Giacomina, a nora e o neto não conseguiram
se salvar.

O corpo de Giacomina foi encontrado
dias depois na Matheu no município de

Tubarão.

10º Margherita - ultima filha da emigrante
Teresa Brigida Mariot Baldessar, mãe do Beijo.
Casou com o viúvo Modesto Gava. Morreu
nova ao dar a luz ao quarto filho em São
Bento Baixo - Venesa.

8ª filha de Matteo Mariot.

8ª Valentina - também emigrante.

Casou com José Isamortim e teve uma
filha - Ana (Aninha) e foram morar na
serra. O marido bebia muito e saia de casa
deixando a mulher e a filha no abandono
durante muitos dias e até meses. Quando
voltava não trazia nada, sendo que
até fome passavam, e repetia isto com
frequência.

Um mascate toscane da Itália, vendo esta
situação e enamorando-se de Valentina,
insistiu para que ela fosse para o Rio
Grande do Sul junto dele.

Os Mariot como eram muito moralistas
não se conformavam com esta situação
e diziam que o demônio a tinha levado.

Se estabeleceram em Nova Prata.

Henrique Lenzi, era uma ótima pessoa
e muito trabalhador e fez grande fortuna.
Valentina, apesar da distância e dificul-
dades de transportes não deixava de vir
visitar a mãe e os irmãos e trazer sempre
bons presentes. Mais tarde vieram buscar
a mãe Anna Fontanella Mariot, para

morar com eles e a trataram muito bem até o fim de sua vida.

Os irmãos de Valentina vendo o tratamento que ela e sua família dispensaram à sua mãe, perdoaram-lhe totalmente por ter abandonado o 1º marido. Valentina morreu com 92 anos em 1947.

O corpo de Anna Fontanella Mariot, encontra-se no jazigo dos Lenzi em Nova Prata - P. G. S. no qual se lê o seu nome e a idade de 92 anos.

Enquanto o corpo de seu esposo ou seja o meu bisavô está na capela dos herdeiros de Mansuetto Mariot, filho de Jesusé, em Urussanga.

Valentina, só pode casar legalmente com Henrique Lenzi pouco tempo depois, porque seu 1º marido morreu em seguida por causa da vida desregrada que levava.

Filhos da imigrante Valentina-

1º Ana (Aninha) filha do 1º marido José Tamanini. Foi pequena para Nova Prata junto da mãe e casou com Fernando Lenzi, irmão de Henrique Lenzi. Tornou-se cunhada da mãe e morreu nova deixando onze filhos.

2º Teresa, casou 1º com Renato D'Ávila, ficou viúva nova com oito filhos pequenos e casou a 2ª vez com Isidoro Saggiori e teve mais três filhos. Foi residir em S. Paulo com o marido e os filhos. Morreu idosa e seus descendentes estão em S. Paulo.

3º Leonel - este é meu padrinho de batismo.

Casou com Lucila Finger, moça de Porto Alegre que foi em Nova Prata como professora.

Ele morreu novo, vítima de tuberculose - e (segue) na época a tuberculose era incurável.

deiscou três filhos pequenos.

4º Luiz - casou com Magdalena Scaldo - teve 5 filhos.

5º Demétrio - casou com Elma Eli. Teve seis filhos.

6º Venceslina (Negra) casou com Zanettini. Teve quatro filhos, um deles é o Monsenhor - Sidney.

7º Alílio - casou com Catarina Schneider, teve 2 filhos.

8º Adelina casou c/ Rogerio Galiazzi, teve 7 filhos

9º Avelino casou c/ Anagilda Cherubini, teve 6 filhos.

A maior parte dos descendentes de Valentina ainda vive em Nova Prata - R. G. S.

Última filha do bisavô Matteo.

9º Margherita - veio ao Brasil em 11-4-1882, e nasceu em 4-1-1868, portanto com quatorze anos. Casou com Luiz Baldessar.

Ela e a irmã Teresa Brigida casaram com dois irmãos Baldessar.

Morreram ao nascer a primeira filha que recebeu o nome da mãe.

Ele casou a segunda vez com Luiza Mautini e entre os filhos teve Antonio Baldessar.

Este casou com Margherita Mariot, irmã do meu pai (Cesare) e são os pais do Monsenhor Quinto Davide Baldessar.

Até agora dei o nome dos filhos, filhas, netas e genros e ainda os netos de Matteo e Ana Mariot. Só não falei do filho mais velho que é Pietro por ser meu avô.

Deste imigrante darei o nome dos filhos e netos e ainda com quem casaram, a seguir.

XVI

Pietro Mariot (meu avô paterno).

1º Filho de Battus Ignacio e Anna Fontanella
nascido em Pirago - Longarone na província
de Belluno - Itália.

Nasceu	em	11-1-1848	(Pirago)
casou	"	27-2-1878	(Longarone)
Partiu de Longarone		04-1-1882	
Chegou ao Brasil		11-4-1882	
Faleceu		7-12-1933	(Itarussanga)

Casou com Lúcia Olivier (carinhosamente chamada
Lucinha), filha de Giacomo Olivier e Maria
Losso, que haviam morrido quando a
filha casou.

Ela tinha 21 anos e era de um lugarejo de
Longarone chamado Codissago.

Não há nenhum conhecimento sobre os irmãos
dela. Sabe-se apenas, veio ao Brasil um
primo irmão e se estabeleceu em Rio Brilhante,
Itarussanga.

O meu avô ia na Áustria cortar madeira e
levava a mulher junto, foi assim que a
primeira filha, Maria (Marieta) nasceu na
Áustria, porém não sei onde foi registrada.

Depois disto ele comandou a 2ª leva para
o Brasil.

Como já falei veio ele, a mulher, a filhinha,
e todos os irmãos menos Giacomo e trouxeram
a mãe juntamente as irmãs.

Chegando em Laguna, meus avós e a pequena
Marieta se afastaram dos demais e foram

perto de uma casa que havia por ali.
Minha avó estava grávida em tempo de
dar a luz e com o movimento do mar, e o
navio sem conforto, não aguentava mais,
deitou-se no chão encostada da casa.

A clara da mesma apareceu e estendeu-lhe
um travesseiro para que recostasse a cabeça.
Seis dias depois, já em Ilhussanga ela
teve um menino que deram o nome de
Cesare. Este é meu pai.

Ao escrever esta passagem não posso dei-
xar de derramar sentidas lágrimas pelo
seu sofrimento e agradecer a Deus por todos
os seus descendentes que embora não sendo
ricos, tem uma vida de conforto e far-
tura jamais sonhada por eles.

Meus avós ao chegar em Ilhussanga foram
junto dos demais familiares para P. Salto.
O onciu bisavô Mattos e o filho Marco Ti-
nhans preparado uma casinha de palha
para recebê-los.

Com o tempo cada um tornou posse do
seu terreno conforme foi determinado.

Foi assim que meu avô veio morar no
morro do Peraro. Depois o topógrafo Birini
trocou este terreno por um perto da praça,
ao lado direito do Rio dos Americanos.

Meu avô construiu primeiro um sardinhal
de palha onde se encontra a atual escola
Básica Barão do Rio Branco.

Depois uma casinha de madeira sem
ascalho, que eu conheci, e mais tarde uma
casa de tijolos. Estas duas últimas no alto

XVIII

do outro lado da estrada. Atualmente no mesmo lugar encontra-se a casa de Bruno Mariot (filho de Cesare) meu irmão. Eu moro na Rua Barão do Rio Branco.

Neste local o meu ^{pai} tinha uma olaria, mas bem antes disto minha avó Lucieta presenciou uma cena de morte. O Topografo Birim arrastou um negro até onde se encontra a minha casa; na época só existia mato, e saíram com a vida dele a pauladas, só para ser de cor. 1ª continuação na folha anexa

A nora Lucieta ficou horrorizada com o fato e procurou durante alguns tempos ^{reconhecer} se e mais ser vista por ninguém por medo de perguntas e virgâncias. 2ª continuação Os primeiros anos foram difíceis, eram os incêndios e animais silvestres, mato por todos os lados, falta de ferramenta, de estradas e mantimentos como conta a história da minha avó materna, Giovanni Sarei Mendo, que minha mãe contava da seguinte forma:

Os imigrantes teriam do governo o fornecimento, durante um ano, daquilo que precisassem e pagariam em prestações.

Havia um enorme barracão coberto de palha com os produtos para atender os colonos. Estava situado onde se encontra o jardim ^{hoje} na praça Anita Garibaldi.

Elas eram as mulheres do Rio Maior e pediram o que precisavam. Elas estavam de aventureira e o balais (clarim) nas costas.

Os funcionários com medo que viesse a faltar comida para eles, devido as dificuldades.

nos transportes, & disseram que não tinha mais nada. Chorando ^{as mulheres} falaram: Que daremos de comer aos nossos filhos?

Eles responderam: Elas matem um filho e comam o mesmo.

Meu avô materno viu a serpente e viu também uma enorme cobra caninana.

que andava encima de uma travessa de madeira que servia para segurar a parede do barracão.

Nunca pulo pegou a cobra que abriu os meios com os dentes e disse:

- Arrumem comida para estas mulheres já ou faremos o mesmo de vocês.

Em poucos instantes elas ficaram servidas e tudo acabou bem.

No aquele tempo não havia serrarias, por isso serravam as taboas a mão e o pilar das casas era de um tronco de árvore com uma circunferência de um metro e meio ou mais, que pode ser visto ainda na churrascaria de Bruno Mariot meu irmão.

As casas de material tinham na parede uns pranchões colocados horizontalmente e alcançava a parede toda que o reboco escorria. Porque isto? Teriam medo de tremores de terra? Ou eram feitas para durar mais de cem anos?

A construção era tão forte que os tijolos da época eram vitrificados de tão cosidos.

Quando eu era pequena e tinha que ajudar a carregar tijolos na olaria do meu pai eu via bem as exigências dele.

Eu gostava muito da minha avó Lucieta. Lembrava das vezes que ia no parral, me levava junto e mostrava um morão de calcerana que sustentava a vinha e tinha um buraco, mais ou menos de 30 por 50 cms e dizia que os índios haviam tirado mel de abelha.

Lembro também que no pátom da casa ela guardava com carinho uma enxococa de madeira que dizia ser a "corleta" e servia para fiar a lã dos carneiros com o qual, quando mais nova fazia meias e cobertas.

Conheci também os lençóis de linho grosso que vieram da Itália.

No quintal ela plantava um pouco de sorgo, algodão, lim e capim de inverno para os terreirinhos. Quando algum destes morria, ela tirava a pele e curtia, depois montava um de palha, dizia que era para a vaca dar o leite.

Minha avó era metida a medica, ela tinha uma agulha de prata de uns 12 cms de comprimento, numa das pontas era fina e na outra tinha uma bolinha, sendo que furava os machucados e tumores de quem a procurava.

Tinha ainda uma tesoura preta revida só para cortar uma película embacito da língua das crianças que custassem a falar. Tudo isto sem anestesico.

Parece que das filhas somente a Itália herdou este dom. Esta operava a canivete.

Meus avos davam muito valor ao papel escuro, tipo os que vem enrolado no algodão e chamavam de carta "torquina". Era guardada na comoda e servia para por encima dos machucados com um pouco de azeite de oliva.

Pietro, conhecido por todos por Piero, era uma pessoa inteligente, boa e alegre.

Frequentava a igreja até quasi o fim da vida e dizia que na Itália aos domingos ia a 1^a missa em Pirago onde morava e a 2^a em Coclissago, meus irmãos descobriram então que ele ia se encontrar com a mona Lucieta.

Ele ria quando contava sobre os namorados da minha avó. Dizia que um amigo lhe contou ter conhecido uma moça muito bonita em Coclissago e pediu às meu avó para falar com ela afim de arrumar-lhe uma namorada. Meu avô disse que ao ver a moça tão bonita arrumou o namoro para ele e acabou casando.

Contava também da morte por afogamento, no Rio Piave de outro namorado da minha avó cujo retrato ainda se conserva e está nas mãos de meu irmão Mário.

Meus avos nunca tiveram algum problema físico ou mental. A doença mais grave dele foi uma ernia que operou aos 84 anos. Morreu com 86 anos e a causa foi coração. Pouco tempo antes de morrer, deitado no chão administrava o trabalho dos meus irmãos, na construção da

cantina de pedra que se encontra nas propriedades de meu irmão Bruno.

Piêro, na Itália trabalhava de "segantini"; isto é serrador em serrarias tocadas com a agua do Rio Piave, e quando podia pescava trutas no mesmo rio.

Aqui no Brasil como não havia serrarias na época além de colonos aliavam a profissão de pedreiros de pedra. Na estrada de ferro Dona Teresa Cristina construiu boeiros e pilares de pontes. Em Laguna, enquanto trabalhava, o paletó que estava perta, caiu no mar.

Dois dias depois veio um mergulhador e conseguiu trazer o paletó de volta, mas lamentava porque este rasgava facilmente. Minha avó, depois de três meses de doença, ignorada faleceu com 73 anos.

O casal foi sepultado no cemitério antigo que ficava atrás da igreja Nossa Senhora da Conceição juntos dos restos mortais da filha Teresa. Depois foram levados para o cemitério novo no tumulo que pertence ao meu irmão Bruno. Mais tarde seus ossos foram passados para o tumulo de meu irmão Olivio, afim de acomodação de mortos.

Os filhos de Piêro Mariet e Lucia Olivier

Estes imigrantes tiveram 7 filhos sendo um homem e seis mulheres.

1º Maria - (Marieta) - esta também é imigrante, nasceu na Austria em 22-12-1878.

Casou com Euclides Peraro. Residiram em

XXII

Coral, ali perderam uma filhinha, que diziam ser a gente negra. A família teve que se isolar dentro de casa por causa desta doença.

Lembro que meu pai foi visita-los mas, foi impedido de entrar.

Os vizinhos levavam-lhe comida até o portão e dali voltavam. Quando a menina morreu tiveram que sair somente em quatro pessoas para levar o caixão e ir diretos para o cemitério. De noite.

Escrevo esta passagem para verem quanto os imigrantes e seus filhos sofreram por falta de recursos. De noite.

Depois disto meus tios e os filhos foram para Araranguá

Tinham muitos filhos e seus descendentes ficaram por ali mesmo e outros foram para Tubarão, Criciúma e morte do Brasil.

2º Cesare Mario - nasceu em 19-4-1882.

Nasceu seis dias depois da vinda dos meus avós ao Brasil.

Ele eu sei era Getulista, por isto se orgulhava de fazer anos no mesmo dia do aniversário do presidente Getúlio Vargas.

Deixarei para o fim as lembranças que tenho do meu pai.

3º Ana (Aneta) - nasceu no Brasil em 10-4-1884 e casou com Emílio Savi, eles foram morar em Treviso.

Seus filhos foram morar em Siderópolis e Criciúma. Eles também morreram com bastante idade.

XXIV

4º Teresa - nasceu em 18-3-1886 e morreu em 17-4-1903 com 17 anos vítima de tetano causado pelo ferimento de um prego.

Sua fotografia com ela morta permaneceu na sala da casa do meu pai por mais de 35 anos.

5º Itália - nasceu em 17-3-1888. Casou com José Lavina. Morreu idosa de ataque cardíaco.

Estabeleceram-se em Boa Vista (Belveder), depois dos filhos casarem, foram para Rio América e mais tarde no norte do Estado junto dos filhos.

6º Margherita - nasceu em 27-7-1890 e casou com Antônio Baldessar. Estes são os pais do monsenhor Quinto Davide Baldessar, que por sua vez teria uma longa história para contar, embora nada tenha falado no seu livro Imigrantes.

Trata-se dos anos que passou no Sul como capelão junto aos soldados brasileiros. Atualmente aposentado como coronel do exército atua como paracor em São Bento Baixo, Nova Hartz.

Os descendentes dos meus tíos residem uns ali mesmo, outros em Criciúma, em Arasanguá, Curitiba.

Margherita Mariot e Antônio Baldessar faleceram com bastante idade.

7º Dogolina Mariot - nasceu em 4-1-1892 e casou duas vezes. A 1ª vez com Antônio Grena e ficou viúva com dois filhos gêmeos. Ilde e Angelo.

casou a 2ª vez com Anacleto Bianchini.
 Foram morar em Laguna e morreu muito
 idosa, mas ficou acamada muitos anos.
 Seus descendentes residem em: Criciúma,
 Florianoópolis, Ijuí - R.J.S. e Rio de Janeiro.

Um pouco da vida de Cesare (meu pai)

Os imigrantes assim que os filhos cresciam
 aproveitavam sua mão de obra e estes por
 sua vez amadureciam cedo porque a
 situação exigia, e enfrentavam a luta.

Um menino de doze anos, era considerado
 um homem, cangava os bois e ia
 para a roça. Assim meu pai com um
 pouco mais de idade, mas muito novo
 ainda, se juntava com o seu carro, aos
 carreteiros mais velhos e experientes
 para carregar produtos rurais que buscavam
 no Rio Maior e levavam para Azambu-
 ja, que depois por intermédio de outros
 iria para Tubarão. Tudo isso para
 ganhar alguma coisa.

Andavam em turmas porque os carros
 atolavam em buracos de lama de quasi
 um metro de profundidade. Neste caso
 quando os bois não tivessem força
 suficiente para tirar os carros dos atolei-
 ros, precisava muitos homens para des-
 carregar, tirar o carro da lama e tornar
 a carregar.

Continuavam a sua viagem e com eles
 o canto das rodas dos seus carros.

Diziam que era para chamar atenções e se alguém escutasse e depois não houvisse mais barulho iria socorrerlos.

Chegavam no Rancho dos Bugres de madrugada onde paravam para comer e descansar, já que estavam fora de casa desde o dia anterior.

Lá morava a minha avó materna, a famosa parteira e doutora, Rosina Burigo Savi Mondo. Ela também operava muito e sem anestesia.

Os carreteiros ao chegar no alto do morro gritavam: "La solenta".

A minha avó Rosina imediatamente chamava a minha mãe (Amabile) em noite de inverno frio e muitas vezes chuvoso para fazer comida.

Os carreteiros chegavam cheios de lama, molhados e tremendo de frio.

Foi assim que meu pai conheceu a minha mãe e anos depois casaram.

Mais tarde foi trabalhar em terra planagem no Rio do Peixe, na estrada de ferro.

Adquiriu experiência neste ramo que lhe valeu para comandar turnas no P.G. do Sul, como foi no H.37 de Basílio e Jaguaraão em 1912 a 1913. Seu pagamento foi em libras esterlinas que foi obrigado a vender por onze milreis (11), cada uma afim de pagar os impostos.

Quando o meu pai saia para trabalhar fora de casa a minha mãe ficava com os filhos pequenos, junto dos sogros.

Ela tinha poucas notícias do marido porque os correios eram difíceis.

Em 1920 meu pai e minha mãe com quatro filhos, sendo o mais velho 13 anos de idade saíram daqui para procurar trabalho no P.G. do Sul.

Sua viagem foi assim: Até Palmeiras do Abreu, as soupas, lanche e crianças foram de carro de boi, dali apesar com as trouxas nas costas até encontrar oramal da estrada de ferro D. Tereza Cristina e de trem até Laguna.

Diajaran durante três dias até chegar ao porto do Rio Grande. Dali até Nova Prata onde parou uns dias em casa da Tia Valentina Lenzi. Em seguida foram em Alfredo Chaves atual Veranópolis. Ali nasceu em 14-5-1921

O trabalho do meu pai, foi comandar uma turma que foi daqui para fazer um campo de futebol que foi apelidado com pá e picareta carregando a terra em galhetas.

Em 1922 conseguiu trabalho, junto a sua turma na estrada de ferro do P.G. Sul em Restinga Seca.

Em outros pontos mais, ele conseguiu trabalho. Sendo que certa vez subiu a serra das Pedras a pé com 50 a 60 homens e foi até Taquára no P.G.S.

Os moradores de lá vendo tanta gente pensaram que fosse uma revolução.

Assustados corriam de um lado para outro enquanto meu pai disse que eram trabalhadores honestos e que só param porque estavam com fome, e foram bem tratados.

Nesta lida meu pai sempre foi acompanhado pelos filhos mais velhos e pelos primos que são os filhos dos imigrantes Giesué Chariot e de Giovanna Cordeira.

Trata-se de Luiz, Mansueto e Pedro que eram excelentes companheiros e ótimos trabalhadores.

Naquela época não marcavam as horas de serviço, trabalhavam de escuro a escuro.

Mais tarde meu marido Albino Belloli, que era pedreiro construtor de casas, deixou esta profissão para seguir a mesma dos chariots. Nestas andanças pelo R. G. Sul tivemos o privilégio de sermos também, acompanhados por Mansueto que com sua experiência nos valeu muito e nunca nos abandonou.

O costume daquele tempo era dos filhos entregarem todo o dinheiro que adquiriam aos pais. Meus avós então determinavam o que deveria ser feito.

Agora vou contar uma passagem de quando eu era muito pequena e que até hoje não contei a ninguém, mas ficou gravada em minha mente.

Meu pai entregou um pacote de dinheiro que as meninas devem ter cinco cm³ de altura ao meu avô, este foi na cozinha falar com a minha avó e disse o que ia fazer com o mesmo, mas ela não concordou. Ele ficou irritado espalhou o dinheiro pelo chão e disse: "Sai que te pegue lucila". Que quis dizer "pega lucila".

Eu que estava sentada na borda de um enorme fogão de cimento tentei de fugir bem rápido sem ver quem ajuntou o dinheiro.

Os Mariot trouxeram da Itália uma Bíblia escrita em italiano, que conforme a tradição passa de geração em geração sempre ao filho mais velho do sexo masculino.

Isto a mais de trescentos anos já não se sabe ler o que está escrito porque sua ortografia mudou muito.

Atualmente encontra-se nas mãos do meu sobrinho Gibral Mariot

Este meu trabalho foi realizado graças as anotações que eu fiz das perguntas à minha mãe há mais de quarenta anos e atualmente pesquisas feitas com Josefina Mariot - filha do imigrante Giesué.

Carílio Mariot - meu irmão.

Annabile Mariot Damiam - minha sobrinha.

Mario Baldessar - filha Irani.

Alba Lenzi, esta é esposa de Clovis, ^{neto} filho de Valentina
A todos os meus agradecimentos.

Eu tenho setenta e três anos e não tenho tido o ginásio completo, por isso não levo em conta o meu mal escrito, mas sim o único objetivo que é de recordar os imigrantes com os filhos, nas suas lutas, afim de nos beneficiar, e não deixar que nenhum deles se perca na memória de seus descendentes por muitos anos ainda.

Brusque, 15 de dezembro 1994

Leda Tereza Mariot Belloli

Leia também:
Lendas imigrante